

**Demo**

**Anjo**

**Gabriel**

**Barac Bielke**

# Cavaleiros

# Tecnológicos

## Barac Bielke

Registo nº346/2020SIIGAC/2020/840DATA: 2020.02.14

## JUPITER EDITIONS

Print Your **Heart**© with **Jupiter Editions**®

**Este demo está protegido e reserva  
todos os Direitos de Autor.**

**A obra deste demo foi iniciada no  
dia 25 de outubro de 2019 e foi  
registada no dia 14 de fevereiro de  
2020.**

**Se neste momento, por algum  
motivo, não puder comprar o livro  
do autor, a Jupiter Editions sugere  
que faça um donativo ao autor para  
o IBAN**

**PT50 0010 0000 58544220001**

**ou MB WAY 965108603**

**O seu donativo é muito importante  
para proteger a qualidade de  
escrita do autor e não deixar o  
espírito do autor morrer.**

**Não deixe o espírito deste autor  
morrer.**

**Está nas suas mãos não deixar o  
espírito deste autor morrer.**

**Faça um donativo ao autor para o  
IBAN**

**PT50 0010 0000 58544220001**

**ou MB WAY 965108603**

# A Jupiter Editions apostou em 9 livros de novos 9 autores.

O principal objetivo do donativo é a proteção da qualidade de escrita.

Por defeito, se os donatários nada disserem sobre o destino a dar, o donativo será 99% para os autores, cabendo 11% a cada um dos 9 autores e o 1% remanescente será destinado à filantropia da Jupiter Editions como a Plantação de Árvores, o Combate à Fome ou o Combate ao Lixo. O donativo pode ser feito por conta de qualquer um dos fundos que a Jupiter Editions pretende abrir e desenvolver. O donativo pode ser destinado 100% a um autor ou a uma missão.

O donativo pode ser anónimo, mas a Jupiter Editions sugere ao donatário que se identifique, sobretudo, se financiar a voz de um dos autores, para que o autor possa agradecer em nota pessoal. Basta enviar um email para [manager@jupitereditions.com](mailto:manager@jupitereditions.com) com o assunto DONATING e com o comprovativo da transferência bancária.

Se o donativo for destinado a um autor e se com o comprovativo da transferência for ainda anexada alguma fotografia ou mensagem do donatário, a Jupiter Editions obriga-se a reencaminhar o email ao autor.

Por favor, veja a nossa Política de Privacidade, para saber como é que os seus dados são tratados pela Jupiter Editions.

A Jupiter Editions não cede, nem vende os seus dados a nenhum parceiro.

A Jupiter Editions só pode ceder os dados dos Member Readers que tenham aceitado que uma determinada empresa ou parceria comunicasse com os Member Readers. Se uma nova parceria for aprovada pelo Centro Ético de Negócios e Parcerias Sustentáveis Para o Futuro, a Jupiter Editions pergunta na Conta Jupiter aos Member Readers interessados em facultar os seus dados à nova parceria, explicando aos Member Readers a importância dessa mesma parceria. Quando as empresas parceiras/ parcerias contactarem os Member Readers, logo no 1º contacto devem anunciar a parceria com a Jupiter Editions, para que o cliente consiga ver com nitidez as parcerias e a sua importância para a sustentabilidade das empresas num mercado altamente competitivo.

Siga o autor...

# @baracbielke

(...)

Só me ia encontrar com o Thomas às 17 horas. Eram 13 horas e eu estava esfomeado. Procurei um restaurante barato para comer qualquer coisa e onde pudesse a ficar a escrever à vontade até às 17 horas. Encontrei um restaurante barato e entrei. Havia câmaras por todo o lado. Sabia que não podia escrever ali à vontade. Não ia escrever debaixo de uma câmara a monitorizar-me a escrita, a acompanhar-me a escrita. Para me acompanhar a escrita, já bastava a tecnologia dos meus olhos. Reparei logo num cavaleiro tecnológico que tinha entrado atrás de mim. Saí desse restaurante e procurei outro barato. Vi um barato e entrei. Tinha também câmaras por todo o lado. O cavaleiro tecnológico entrou outra vez atrás de mim. Saí também desse restaurante e procurei um outro barato.

Assim que virei esquina, fartei-me de correr e fui-me metendo em becos e ruelas para despistar o cavaleiro. Uma *Paranóide Tecnológica*, de Federico Ferrari,

instalou-se em mim. Entrei noutra restaurante que não tinha câmaras, mas as mesas estavam demasiado juntas e as pessoas que estavam sentadas a almoçar estavam todas a almoçar com os telefones. Sabia que não podia também escrever à vontade, por causa dos telefones. Bastava fotografarem as páginas para prenderem aquilo que era meu, por direito, à tecnologia deles. (...) Saí desse restaurante e procurei um outro. Desisti da ideia de encontrar um restaurante barato, porque sabia que a privacidade, a liberdade e o direito aos dados e à imagem tinha um preço, porque tudo tinha ido parar ao mercado.

Entre num restaurante, um pouco mais caro, que não tinha nenhuma câmara. Era, pois, esse o preço que tinha de pagar para poder escrever à vontade sem que nenhuma câmara capturasse e registasse o que eu ia escrevendo, fruto da minha mente e do meu cérebro. À minha frente não estava ninguém. Peguei na minha esferográfica e nas folhas de papel reciclado que trazia dobradas e escondidas dentro do bolso das calças e comecei a escrever as primeiras linhas.

«São mil e uma razões para eu não querer que vejam como como, como discuto, como gesticulo. Não quero que gravem cada traço meu! Não me sento, por isso, onde há câmaras! Não sou nenhum macaco para me darem uma banana e depois filmarem-me a comer a banana...»

Olhei para a frente e estava o tal cavaleiro a olhar para mim fixamente como se sorrisse intelectualmente por ver o que eu estava a escrever.

Sabia que os cavaleiros tecnológicos vinham encomendados e apetrechados com tecnologia de ponta. Eles eram uma experiência tecnológica dos genes mais sofisticados, e por isso, mais tecnológicos. Quando compreendi a tecnologia do Henri e senti a tecnologia dele à frente dos meus olhos, julguei que os meus óculos fossem óculos tecnológicos e, por isso, tivessem sido *hackeados* e o Henri, por isso, e só por isso, tivesse conseguido pôr-me o filme dele na minha cabeça, à frente dos meus olhos. Numa *Paranóide Tecnológica*, de Federico Ferrari, libertei-me dessa tecnologia. Resolvi submeter-me a uma operação a laser, para não ter de andar com tecnologias à frente dos meus olhos.

Continuei a escrever.

«Querem ver como é que eu olho para a banana? Querem ver como é que eu olho para a banana que me dão? Querem ver como é que como a banana que me metem na boca? Não vos vou mostrar como gosto de comer a banana que me dão. Vou pegar nela, como um macaco, mas vou comê-la às escondidas. O que a vossa tecnologia verá, é eu a ir com a banana às escondidas. Mas não me vão ver a comê-la. Porque vou comê-la às escondidas. A minha tecnologia é sair da vossa tecnologia. Proteger o meu corpo de toda a tecnologia com que me querem instalar...»

“Olá! Já escolheu?” perguntou-me o empregado de mesa, que parecia também um cavaleiro tecnológico disfarçado.

“Vou querer o salmão.”

“Temos uma nova entrada. Banana espetada... Vai querer experimentar?”

“Vou passar, obrigado.”

“E para beber?”

“Traga-me uma água, por favor.”

Ninguém me tinha empurrado para aquele restaurante. Fui eu que entrei naquele restaurante pelo meu próprio pé. A “banana espetada” e o “mentalismo dos cavaleiros” seriam só uma coincidência? Uma feliz ou infeliz coincidência tecnológica?

Continuei a escrever.

«Retirar toda esta vossa tecnologia que instalaram no meu corpo. Esta vossa tecnologia que para a minha própria sanidade mental eu prefiro chamar de espiritualismo. A minha tecnologia é o meu espiritualismo. E eu consigo ver que as câmaras e os espelhos estão cheios de espíritos, cheios de cavaleiros tecnológicos. A minha tecnologia é saber livrar-me da vossa tecnologia, como se estivesse num jogo de câmaras... Num jogo de espelhos...»

O cavaleiro levantou-se e veio direto à minha mesa.

Dobrei o papel e voltei a guardá-lo dentro do bolso das calças.

“És muito inteligente a escrever. Aprecio a tecnologia da tua escrita. Há uma alma tecnológica dentro de ti.”

“Não sabes o que eu escrevi.”

“Sei.”

“Não podes saber!”

“Sei que tens mil e uma razões para não te sentares onde há câmaras. E conheço-as todas. E eles também. Mas eles não querem saber das tuas razões para nada. Mas eu quero. Podes não querer que eles te gravem cada traço teu, mas eles querem gravar-te, e por isso, vão gravar-te. Eles querem ver como tu gesticulas, como tu discutes com cada cavaleiro tecnológico que te dão. Os cavaleiros são deles. Eles têm direitos de propriedade sobre os cavalos e sobre cavaleiros e também querem ter direitos de propriedade sobre ti. Eles gostam de te ver a gesticular, a pensar, e por isso

querem ver como gesticulas e como pensas. Esqueceste-te de escrever que não queres que vejam como pensas. Podes acrescentar, se quiseres.”

“Quem é que és tu?”

“E eu concordo contigo. Não és nenhum macaco para te darem uma banana e depois filmarem-te a comer a banana. A minha tecnologia impede por direito que te filmem. Estou aqui para me conectar e proteger a tua tecnologia.”

“Quem és tu?”

“Escreveste 7 vezes banana...”

Não sabia de cor quantas vezes tinha escrito “banana” naquela folha tecnológica.

Enquanto ia buscar a folha ao bolso e desdobrava-a, escondendo-a dele, que estava em pé, pus-me a calcular a probabilidade de a minha folha ser uma folha tecnológica. O Thomas poderia ter trocado a minha folha de papel reciclado por uma folha tecnológica e ter trocado a minha esferográfica por uma esferográfica tecnológica. Mas isto, tecnologicamente, não fazia sentido nenhum. Comecei a experimentar e a

experienciar outro raciocínio tecnológico. Será que a cirurgia a laser a que eu contratualmente me submeti tinha sido financiada com a nanotecnologia da *E.Studios*? Eu não li as letras pequenas, simplesmente assinei eletronicamente aquele contrato tecnológico que me libertaria da tecnologia dos meus óculos. Será que os meus olhos estavam chipados? Será que eu tinha os olhos chipados? Porque era a única forma daquela realidade à frente dos meus olhos fazer tecnologicamente sentido. Ou acreditava nisso ou acreditava no meu espiritualismo como um mecanismo de sobrevivência do meu cérebro tecnológico. Sabia que, a *Paranóide Tecnológica*, de Federico Ferrari, me tinha preparado bem para aquele filme tecnológico. E deixei-me, por isso, levar naquele filme. Naquele filme que estava a ser realizado para mim.

“Quem é que és tu?”

“Quero que vejas a tecnologia que há em ti. Como são tão tecnológicos o teu cérebro e a tua mente. Quero que vejas com os teus próprios olhos, a tecnologia que foi instalada no teu cérebro, nos teus olhos e na tua mente. Se experimentares trocar a palavra “macaco” por “escravo ou prostituto”, deixo à tua

descrição, e as duas primeiras vezes que escreves “banana” por “cavaleiro” terás uma resposta. O teu terceiro olho já me tinha visto, enquanto tu ainda não tinhas olhado para mim e escreveu aquilo que viu para ti. O teu cérebro escreve para ti. Não é para mais ninguém. Mas ele escreve em código. Escreve mensagens encriptadas, porque ele sabe a tecnologia que circula, voa e navega pelo ar. Ele faz isso por razões de segurança. Os nossos cérebros são muito informáticos, porque nasceram na Era da informática. O teu cérebro está cheio de mensagens encriptadas. Ele encripta com a sua química e com a sua eletricidade. Estás cheio de mensagens químicas e elétricas por cima de ti, eu vejo a tua tecnologia. Estás cheio de mensagens encriptadas. E tu tens de saber descodificá-las. Com que resposta ficas se puseres a chave tecnológica que te dei?”

“Diz-me tu.”

“«Não sou nenhum prostituto para me darem um cavaleiro e depois filmarem-me a comer o cavaleiro.» Também tens outra versão, se preferires: «Não sou nenhum escravo para me darem um cavaleiro e depois filmarem-me a comer o cavaleiro». Eu não gosto de nenhuma das versões. Para mim não és nem um prostituto, nem um escravo. Mas é isso que eles te querem fazer parecer. Porque é isso que rende no

mercado. Fazer parecer-te um prostituto, fazer parecer-te um escravo sexual. É isso que eles querem implementar na tua mente. É isso que eles querem reencarnar na tua mente. Querem reencarnar as fantasias deles. Que foste um prostituto e que serás sempre um prostituto. Que só serviste para sexo e que serás sempre um escravo sexual. Eu quero libertar-te dessa tua escravatura. Quero dar-te o amor que tanto procuras. Que sempre procuraste. Tu estás cheio de amor. És um ser amoroso. Não és um ser sexual. Mas eles querem reduzir-nos a todos a sexo. É essa a agenda deles. É essa a agenda da *E.Studios*. Eles começaram a mexer e a remexer nos nossos dados e encontraram uma carga sexual muito forte. Viram a sexualidade e o sensualismo que havia em nós. E prometeram explorar o máximo que conseguissem. Tu mereces asas. És um ser nobre. Quero dar-te as asas para poderes voar. Não tens de voar comigo, se não quiseres. És livre. Mas eu seria o cavaleiro tecnológico mais feliz, se quisesse voar comigo.”

“Obrigado pelo teu convite tecnológico, mas eu já tenho um cavaleiro com quem voar.”

“O teu cavaleiro não tem asas, com ele nunca vais poder voar.”

“Também não quero voar. Gosto de estar em terra firme.”

“A Terra está demasiado tecnológica para ficares em terra firme. Precisas de voar para te protegeres dos cavaleiros que não têm asas. Precisas de asas para voares. Eu só te quero dar as asas.”

“Porque queres tanto dar-me asas? Não preciso de asas!”

“Porque gosto de ti. Passei a maior parte do tempo a observar-te de cima. Mas não pude interferir antes. Só agora é que *O Deus Tecnológico*, de Simão Roncon-Oom, me deu permissão para descer dos céus e interferir com a tua tecnologia. Eu quero conectar-me contigo, para sempre Arthur.”

“Pensei que já te tinhas conectado à minha tecnologia, sem a minha autorização.”

“E conectei-me, mas quero emparelhar-me todo tecnologicamente contigo e para me emparelhar todo contigo, preciso da tua autorização.”

“Mas eu já estou emparelhado!”

“Desemparelha-te do Thomas! Emparelha-te comigo! Eu sou a tua verdadeira tecnologia! Não vês?”

Eu sei que queres sair daqui comigo às escondidas. E vamos sair, prometo. Se trocares mais duas vezes “banana” por “cavaleiros” terás a resposta que sou eu a tua tecnologia.”

“Demonstra-me.”

“«Querem ver como é que eu olho para o cavaleiro? Querem ver como é que eu olho para o cavaleiro que me dão?»”

“Podes continuar.”

“E agora se trocares daí para a frente “banana” por “pila do cavaleiro” verás outra vez o quão estás ligado à minha tecnologia.”

“Demonstra-me.”

“Não queres ser tu a ler? Gostava de te ouvir a leres a tecnologia que escreveste.”

“Aposto que perdeste o rastro tecnológico da minha escrita, perdeste a cábula, e por isso, queres que eu leia.”

“Eu estou conectado à tua tecnologia, Arthur. Enquanto me quiseres perto de ti, sentirei sempre a tua tecnologia. Se eu inserir a chave na fechadura que tu

desenhaste, vamos ver o seguinte encaixe tecnológico perfeito: «Não vos vou mostrar como gosto de comer a pila do cavaleiro que me dão. Vou pegar nela, como um apaixonado, mas vou comê-la às escondidas. O que a vossa tecnologia verá, é eu a ir com a pila do cavaleiro às escondidas. Mas não me vão ver a comê-la. Porque vou comê-la às escondidas.». Tomei a liberdade de trocar macaco por apaixonado, sei que será assim que ficarás pela minha pila.»

“Porque é que tu e o empregado de mesa, que eu sei que é um cavaleiro tecnológico, me chiparam?”

“Nem eu, nem ele te chipámos!”

“Então porque é que ele me perguntou com um grande ar de gozo se eu queria experimentar banana espetada, quando eu tinha acabado de escrever 7 vezes “banana”? E porque é que tu sabes exatamente aquilo que eu escrevi se não há nenhuma câmara por cima de mim?”

“Tens a tua resposta na folha que escreveste. O teu cérebro previu que chegasses a este momento e te questionasses sobre isto. E ele respondeu-te antecipadamente. O teu cérebro é muito mais preditivo daquilo que tu imaginas. Ele vê a predação. Ele vê a predação dos cavaleiros tecnológicos. Ele vê que os

cavaleiros tecnológicos te querem preda. Simplesmente, o empregado de mesa quer-te preda e viu uma oportunidade para exercer um mentalismo contigo. Ele quis brincar com a tua mente. Os algoritmos que ele tem sobre ti, disseram-lhe que se ele brincasse com a tua mente, tu cairias aos pés dele. O que os algoritmos dele não previram, era que eu aparecesse aqui. Escreveste na tua folha que a tua tecnologia era saber livrares-te da tecnologia deles, «como se estivesse num jogo de câmaras... Num jogo de espelhos...». Então livra-te da tecnologia deles e vem comigo! Vires comigo, é a única forma de te livrares deles! Se vieres comigo, vais te livrar de todos eles! Porque a tecnologia deles, não chega lá acima... Eles não têm asas. Mas eu tenho. E tu também, se quiseres. O Thomas está com eles, tens de acreditar em mim! Tu conhecestes o Thomas no comboio... Aquilo foi uma armadilha tecnológica. É assim que eles capturam. Se não tivesses expulsado o outro cavaleiro do comboio com quem começaste logo aos beijos, o Thomas nunca seria o cavaleiro que estaria agora contigo. Só conhecerias o Thomas em cultos orgiásticos tecnológicos. Esses cultos tecnológicos para onde os cavaleiros tanto te querem levar e prender e que tu com a tua tecnologia, tanto tens resistido. Sentaste-te aqui, tão aliviado por não veres câmaras e nem reparaste que

estás cercado de espelhos num espetacular jogo de espelhos, pois não?”

Estava num verdadeiro jogo de espelhos. As paredes eram espelhadas. O teto era espelhado. Não sei como é que os espelhos me tinham escapado. Não tinha mesmo reparado neles.

“Provavelmente olhaste sem ver, sem olhos de ver. Estavas tão imbuído à procura de câmaras que os teus olhos só estavam preocupados com câmaras. Mas o teu terceiro olho viu os espelhos e disse ao teu cérebro. Tal como o teu terceiro olho me viu a mim e disse ao teu cérebro. E o teu cérebro numa maravilhosa mensagem tecnológica encriptada libertou-te da *Paranóide Tecnológica*, de Federico Ferrari. Enquanto escrevias, não reparaste, mas eu reparei, porque não parava de olhar para ti e de olhar para tudo o que se passava à tua volta, que o empregado de mesa com o tablet na mão, que andava a passear pelo restaurante, parou 3 vezes à tua frente e fotografou os espelhos.”

“Então tu estás metido com ele. Ele enviou-te as fotografias para o telefone.”

“Eu não tenho telefone, podes apalpar-me todo quando chegarmos a casa. Podes vasculhar em todo o meu corpo qualquer tecnologia que não vais encontrar nada. Eu não preciso de nenhuma tecnologia dessas para estar conectado à tua tecnologia. Simplesmente estou conectado contigo. Eu não preciso de nenhuma câmara para ver através dos teus olhos, da tua mente ou do teu cérebro, porque sou a tua tecnologia. Mas eles precisam. O empregado de mesa e o Thomas precisam. Todos eles precisaram. O Henri, o Hugo, o Thomas, o Manel Toiros, o Tomás Bravo... Todos eles com quem tu estiveste... Até o Philippe, que achas que é teu amigo... Ele é um simples cavaleiro, como os outros...”

“Quem és tu?”

“Sou o *Anjo Tecnológico*, que *O Deus Tecnológico*, de Simão Roncon-Oom, enviou para ti. Acredita que sou o teu anjo. Sou o teu verdadeiro cavaleiro tecnológico. Tenho asas para te levar daqui para fora. E levar-te para onde tu quiseres. Para ficares comigo e só comigo, às escondidas, como tu queres. Olha para os meus olhos.”

Os olhos dele iluminaram-se.

Pensei: será que tem *lentes-cinema* com comando de voz que se iluminaram quando ele disse para eu olhar para os olhos dele?

E pensei: será que as lentes dele estão a gravar-me? Será que estou a ser filmado em direto? Estará alguém por detrás daquelas lentes a gozar com o meu fascínio? É que eu estou mesmo fascinado! A tecnologia dele deu-me uma tusa tecnológica. E eu rendi-me à tecnologia dele.

“Por favor, Arthur, deixa-me explicar-te tudo.”

Ele estendeu a mão, debruçando o corpulento corpo dele sobre a minha mesa e eu peguei na mão dele e deslizámos até à grande janelona do restaurante. Ele abriu a janela.

“Não podem abrir essa janela!” gritou em passo de corrida direito a nós, o empregado de mesa.

“Arthur! Vivo naquele terraço ali em cima, consegues ver?”

“Aquilo é o quê? Um vigésimo andar?”

“Um vigésimo-quarto andar... Posso levar-te para lá?”

“Podes!”

“Agarra-te a mim!”

Sáiram asas da mochila que ele trazia às costas como se fizessem parte da engenharia do corpo dele e voámos num voo tecnológico até ao terraço dele.

“Quem é que és tu?” perguntei-lhe, “Tu não és um cavaleiro tecnológico... Os cavaleiros tecnológicos não voam... Não têm asas... Quem é que és tu?”

“Sou um cavaleiro tecnológico, mas não sou um cavaleiro tecnológico da *E.Studios*, como o teu namorado. Sou um cavaleiro tecnológico com asas. Como te disse, sou o teu *Anjo Tecnológico* enviado pelo *Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom para te levar e bradar aos céus.”

“O Thomas não é da *E.Studios*. E se tu não és da *E.Studios*, é porque és da *A.Studios*.”

“Todos os cavaleiros tecnológicos pertencem a uma empresa, a um estúdio, a uma tecnologia. A tecnologia tem de vir de algum lado... Há um investimento... Há uma empresa...”

“A única coisa a que o Thomas pertence é a mim e ao clube de horseball dele.”

“Todos os cavaleiros tecnológicos pertencem a um estúdio, Arthur. Os cavaleiros sem asas não são verdadeiros cavaleiros tecnológicos, porque lhes falta a tecnologia das asas. Os cavaleiros sem asas são da *E.Studios*. Os cavaleiros com asas são da *A.Studios*. A *E.Studios* está nas mãos do príncipe Harry. A *A.Studios* está nas mãos dos irmãos mais novos do príncipe, da princesa Style e do príncipe Simon. No fundo, esta guerra de dados e esta guerra pela informação é uma guerra de irmãos. A *A.Studios* é uma empresa de cinema, entretenimento e vigilância que faz contratos justos com o povo. A *E.Studios* é uma empresa de tudo isso e de dados e vídeos e filmes pornográficos que explora a sexualidade, os sentimentos, as emoções e a mente do povo. Há muito tempo que nós virámos um entretenimento para o Governo de Dados. O príncipe Harry fez do seu governo a sua empresa de dados e tem um fortíssimo exército com ele, que são os seus cavaleiros. Mas os irmãos mais novos do Príncipe,

anteciparam a inteligência perversa do irmão e patentearam a tecnologia das asas entre outras tecnologias. É por isso, que tenho asas e é por isso que estou conectado a ti. A patente é da *A.Studios*. É por isso, que os cavaleiros do príncipe Harry não chegam aqui. Não têm asas. Percebes agora? ”

“Então pertences à *A.Studios*?”

“Sou o teu verdadeiro e legítimo cavaleiro tecnológico. Assinei um contrato tecnológico com o teu coração. E não precisei de telefone nenhum para assinar um contrato com o teu coração. Os cavaleiros sem asas é que usam telefones para assinar contratos. Os cavaleiros com asas não usam telefones, não precisam deles para voar. Só quem tem asas é que é verdadeiramente um cavaleiro tecnológico. Os verdadeiros cavaleiros tecnológicos não andam com telefones.”

Fez-me entrar muito gentilmente para dentro de casa através do terraço.

“Não sou deste mundo, Arthur!”

“Não me digas que és (...) de *Jupiter*, de Gabriel Garibaldi...”

“Tenho-te observado não de *Jupiter* de Gabriel Garibaldi, mas daqui, do meu terraço. Podes chamar-me anjo Gabriel.”

“Não me digas que és tu que me tens perseguido de drone e sobrevoado todos os dias de drone a minha casa...”

“Não preciso de drone nenhum para te sobrevoar. Tenho asas.”

“E costumas sobrevoar-me muitas vezes?”

“Todos os dias. E todos os dias vejo que estás numa armadilha... A começar pelo teu namorado. Se não te importas vou despir-me. Só uso estas máscaras para andar na rua... Prefiro andar sempre nu.”

Assim que ele disse “despir-me” a roupa dele imprimida caiu no chão. Sentia a radiação daquela roupa inteligente conectada à Internet das Coisas.

Ele era definitivamente o meu algoritmo. E estava ali nu à minha frente, perfeitamente musculado.

Ele era igual à figura que a minha mãe, desde que eu era pequenino, tinha suplantado nas paredes do meu quarto e nas paredes do meu cérebro. Disse-me todos os dias até aos meus 18 anos, que o meu anjo era o anjo Gabriel. E disse-me todos os dias que o meu anjo Gabriel, era assim, igualzinho à figura do meu quarto: com os cabelos loiros (...) nariz egípcio, mãos israelitas, corpo grego e pés romanos... (...)

Será que a *A.Studios* sabia exatamente o meu algoritmo, porque com a Era da Internet das Coisas sabia o algoritmo que me tinha sido suplantado numa pequena fantasia maternal e queria transformar a minha fantasia em realidade? Era este o lado materno da *A. Studios*? Era nesta omnisciência de dados que a *A. Studios* iria tirar-me das mãos invisíveis do príncipe Harry?

**(...)**

Para ver os outros demos desta obra, na página dos Member Writers no site da Jupiter Editions [www.jupitereditions.com](http://www.jupitereditions.com) vá à subpágina do autor e clique nos botões dos vários demos.

Este demo foi publicado pela Jupiter Editions em [www.jupitereditions.com](http://www.jupitereditions.com) no dia 16 de setembro de 2021 pelas mãos e vontade do autor para a apresentação, divulgação e tradução do seu verdadeiro espírito contra qualquer deturpação.

Não passe a mensagem deturpada!

## Passa a Missão Jupiter Editions!

**Uma Missão de Paz! Uma Escrita pela Paz!**



**JUPITER  
EDITIONS**

**Não deixe o espírito deste  
autor morrer.**

**Está nas suas mãos não  
deixar o espírito deste  
autor morrer.**

**Faça um donativo ao autor  
para o IBAN  
PT50 0010 0000 58544220001**

**ou MB WAY 965108603**

**O seu donativo é muito importante  
para proteger a qualidade de  
escrita do autor e não deixar o  
espírito do autor morrer.**

**Não deixe o espírito deste autor  
morrer.**

**Está nas suas mãos não deixar o  
espírito deste autor morrer.**

**Faça um donativo ao autor para o  
IBAN**

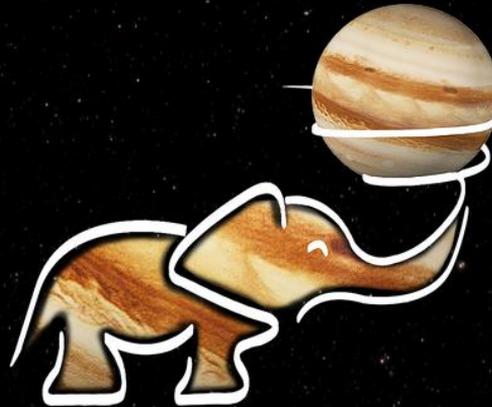
**PT50 0010 0000 58544220001**

**ou MB WAY 965108603**

**Missão Cumprida!**

**Passa a Missão [online!](#)**

**[JUPITEREDITIONS.COM](http://JUPITEREDITIONS.COM)**



**JUPITER EDITIONS [.COM](http://JUPITEREDITIONS.COM)**